INSIGHT
CARIOQUICE

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VIII . N:30 . JUL/AGO/SET 2011
ISS 1981-6049

"Tudo que eu quero, sério, é todo esse mistério"

apud Antonio Cicero e Marina Lima

Cicero Antonio mora na filosofia

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VIII . N:30 . JUL/AGO/SET 2011
CARIOQUICE

Contrate o SulAmérica Odontológico para sua empresa e conte com a mesma qualidade do SulAmérica Saúde.

Com o SulAmérica Odontológico você deixa seus funcionários mais sorridentes, mais felizes e sem aborrecimentos. São várias opções de planos, rede referenciada nacional, reembolso Brasil e Exterior*, atendimento de qualidade e benefícios e serviços diferenciados. Tudo de um jeito rápido, claro e fácil. Afinal, seguro é para resolver os aborrecimentos e não para ser mais um. Consulte seu corretor de seguros e contrate já.

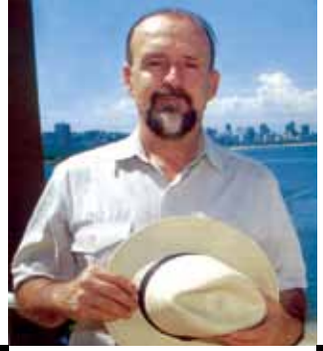
ANS nº 000043

SulAmérica Odontológico. Se aborrecer pra quê?

SulAmérica
associada ao ING

*Conforme plano contratado.

sulamerica.com.br



O Instituto do Imperador

Esquina do Ricardo

De há muito estou para me referir, nesta esquina, ao afeto que dedico ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também reconhecido por uma sigla simpática de quatro letrinhas, IHGB. Mas só agora comecei a frequentá-lo, a partir das posses do embaixador Marcílio Marques Moreira e do arquiteto Marcos Monteiro, este até pouco tempo presidente do INEPAC, o órgão estadual que cuida da defesa do patrimônio artístico do Rio. Declaro logo que me tomei de encantos pelo bom convívio e pelo altíssimo nível com que é conduzido por Arno Wehling, historiador e mestre universitário de primeira linha. Âncora segura das sessões, Arno passa aos sócios do Instituto a sutil equação de conhecimentos profundos e simplicidade ao exibi-los.

Hoje, reconheço, o nome "instituto" anda gasto, até pelo uso indiscriminado. Mas chamo a atenção que, fundado em 1838, o nosso IHGB era frequentado pelo imperador Pedro II em pessoa. Que fazia questão não só de lá ilustrar-se senão também de doar sua biblioteca pessoal à instituição, referência nacional desde sempre. Portanto, o Instituto é o pai verdadeiro desse exército de institutos que gravita por aí, boa parte muito qualificada, outros, eu diria a metade, nem tanto. Por isso, foi entre encantado e curioso que lá cheguei pelas mãos de Vitorino Chermont e Ester Bertolletti. Solidamente instalado em prédio na entrada da Lapa e faceando os magníficos jardins da Rua do Passeio, o IHGB presta serviços inestimáveis ao país, a partir de palestras, conferências e seminários sobre fragmentos — os mais diversificados e criativos — da História do Brasil como nação. Lá, a memória do país — por vezes tão pouco apreendida ou preservada — é diligentemente recolhida, levantada e exposta. E num país que é mais devedor que credor de sua própria história, apenas uma ação como a que desenvolve o IHGB já justificaria sua longa e radiosa existência. Lá, tudo se ensina e se discute, confirmando uma verdade que não me sai da cabeça depois de adentrá-lo: é a universidade sem fronteiras da sabedoria. Porque no Instituto se apreendem, de verdade, as questões históricas mais profundas que podem ajudar este país a ser melhor. E sem as muletas dos arranjos falsos e apressados.

sumário

carioquice

Nº 30 JULHO/AGOSTO/SETEMBRO 2011
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Um grão de poesia nas dunas da MPB

16 Há quem sambe diferente

22 A Bossa do pão de queijo

30 Enoteca ICCA decanta suas canções

Magia do Olhar

34 O céu passeia de bondinho no Alemão

Do bem comer e melhor beber

44 Em nome da boemia, da picardia e do sandubão

Saga Carioca

52 Tintim, Copacabana!

Cidade Maravilhosa

58 Onde o traço de Deus encontra o desenho do homem

Embaixador do Rio

64 O Rio é minha fortaleza
Por Antenor de Barros Leal

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
Companhia Müller de Bebidas
ENGEVIX
BANCO BMG

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
José Neves de Oliveira
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota✞
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

A cerveja
é para
o romântico.

E para o
troglodita.

Só não é para menor de 18 anos.

A Ambev sempre apoiou o consumo responsável e agora ele vai virar nossa marca registrada. E o +ID é o ícone dessa campanha. Onde você enxergar essa marca significa que ali tem um produto ou estabelecimento que exige o documento de identidade na compra de bebidas alcoólicas. Faça a sua parte, mostre sua identidade. Ela é a garantia do cumprimento da lei e de estar agindo com responsabilidade.
Consumo responsável. Essa é a nossa marca registrada.

ambev
Feita por gente e sonhos

BEBIDA ALCOÓLICA É PROIBIDA PARA MENOR DE 18 ANOS.

Um grão de poesia nas dunas da MPB

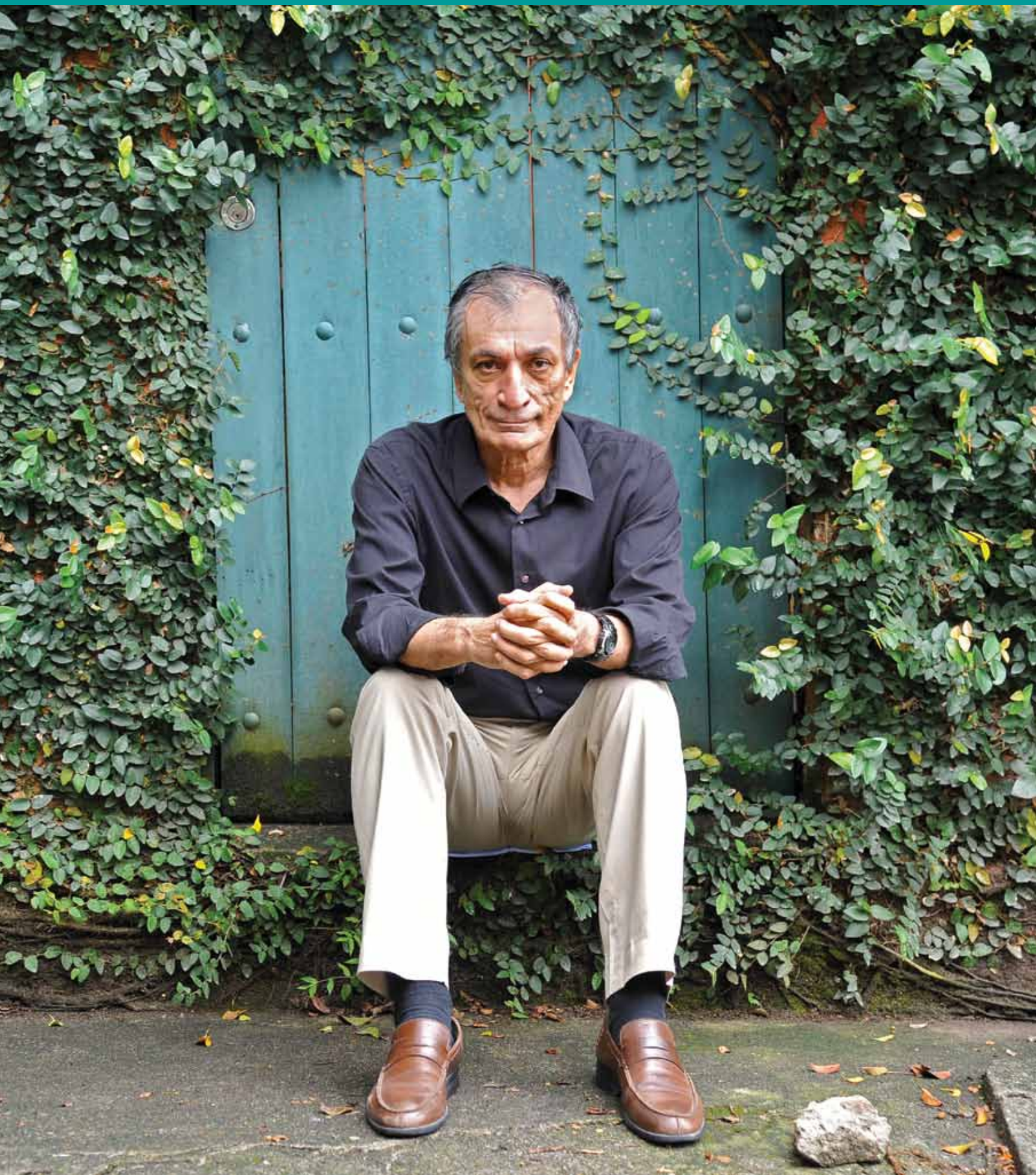
por Mônica Sinelli

Entre os insondáveis caminhos que atravessam o erudito e o pop, ele prefere todos. Por transpor sem preconceitos possíveis distâncias que interditariam a coexistência nos dois mundos, Antonio Cicero - verbete do Dicionário Cravo Albin - tem descrito uma trajetória singular nos meios intelectuais e artísticos brasileiros. E timbrado sua grife inconfundível em versos que respiram ares cosmopolitas. Mas, que, em especial, acendem, apaixonadamente, os crepúsculos do Rio de Janeiro.

Carioca do Leblon, o poeta e filósofo Antonio Cicero — filho dos piauienses Ewaldo e Amélia Correia Lima —, nascido a 6 de outubro de 1945, cedo aciona a sintonia fina de percepção da cidade, que mais tarde se tornará musa de tantos poemas. "Eu a via com olhos curiosos; às vezes, felizes, às vezes, não. Minhas primeiras memórias têm a ver com o Jardim de Alah e a praia. Aos 5 anos, mudei da Avenida Afrânio de Melo Franco, esquina com a Ataulfo de Paiva, para a Bartolomeu Mitre. Brincava na Praça Antero de Quental e estudava no Colégio Santo Agostinho", reporta.

Adolescente, Cicero começa a escrever tanto em prosa quanto em verso. Forma-se filósofo na Universidade de Londres — com pós-graduação nos Estados Unidos —, onde estuda grego e latim, o que lhe permitirá ler no original clássicos como Homero, Píndaro, Horácio e Ovídio. Em 1972, na volta de uma Inglaterra em ebulição, encontra sua cidade igualmente imersa na esteira fervilhante da contracultura. "A ditadura continuava, mas havia bem mais liberdade sexual e comportamental entre os jovens. Lembro-me, por exemplo, de pontos de encontro como o Posto 9, o Dancing Days, as dunas da Gal, o Baixo Leblon, a peça "Trate-me Leão". E de pessoas: Waly Salomão, Lenny Dale e os Dzi Croquetes, a chegada de Gabeira. Foi muito interessante a década de 70 no Rio", avalia.

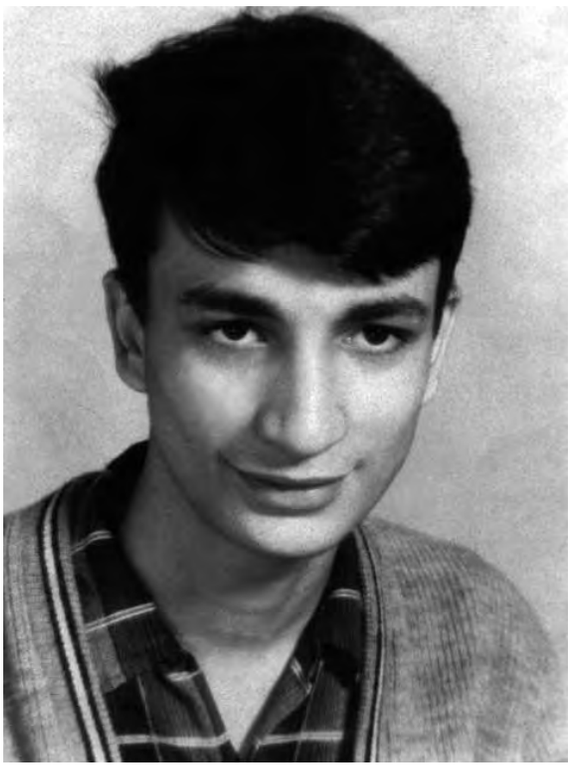
Entre seus poemas até então guardados na gaveta, sua irmã Marina — que, com ele, irá impactar a cena musical brasileira por meio de um estilo personalíssimo — pesca, às escondidas, em



Álbum de Família

Entre os pais, na Praia do Leblon, no começo da década de 50

Álbum Pessoal



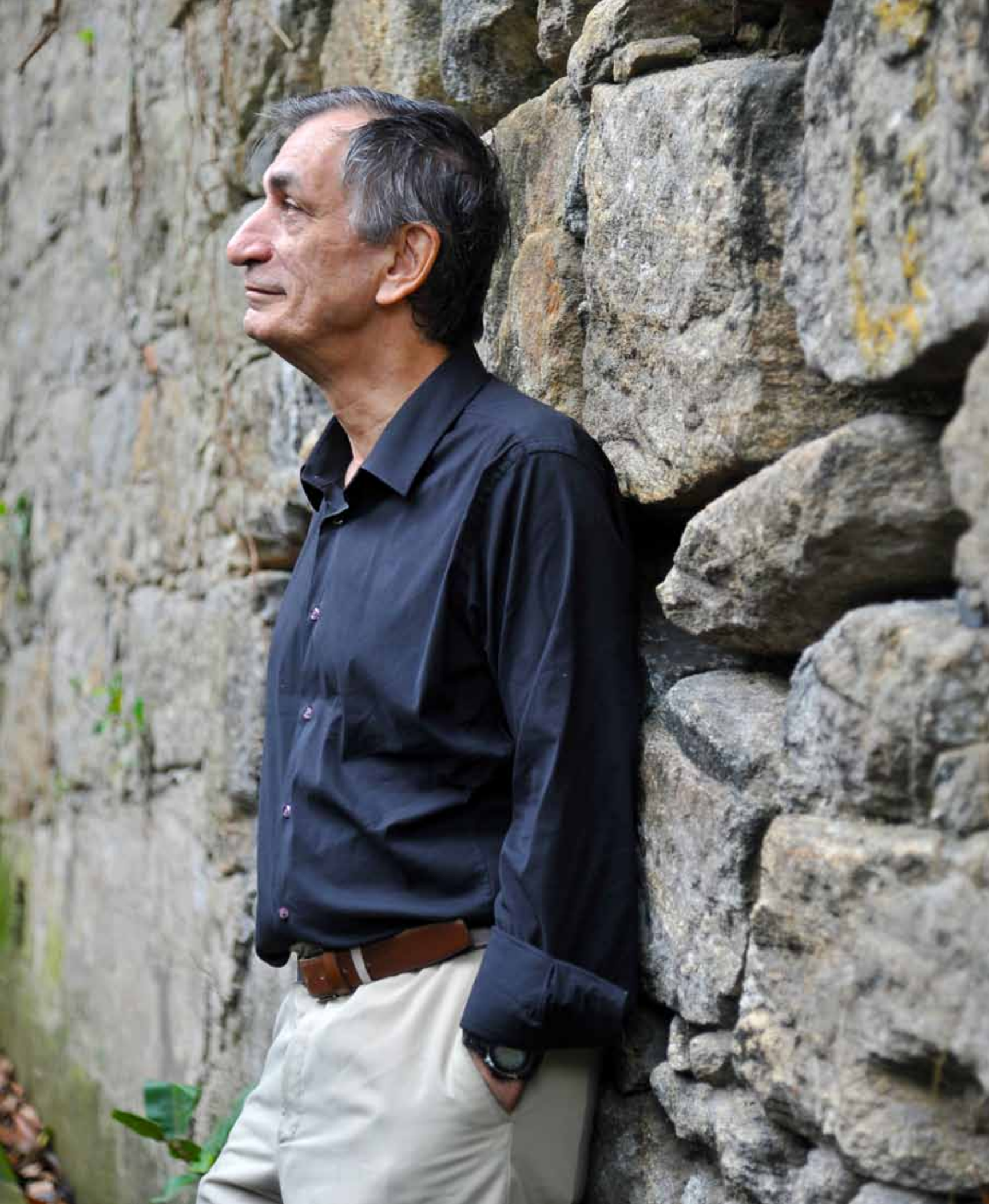
Cicero, em 1963

1976, "Alma caiada", criando a canção que no ano seguinte Maria Bethânia chegaria a gravar. Vetada pela censura, ganharia registro, dois anos depois, por Zizi Possi: Aprendi desde criança que é melhor me calar e dançar conforme a dança do que jamais ousar. Mas às vezes pressinto que eu não me enquadro na lei.

O primeiro disco de Marina Lima, "Simples como fogo" (1979), vem com "Transas de amor" (Os sonhos de quem ama não cabem só na cama), sucesso inaugural entre tantos que se sucederão da dupla. Nesse LP, a canção "Tão fácil" já anuncia que o Leblon é um deserto para um coração incerto. E Memória fora de hora expõe: Meu amor mora lá no Rio/ Rio para o amor/ Cidade entre morro e mar/ E mar e morro de saudade. Dali em diante, Antonio Cicero não só assinará com Marina uma das mais bonitas trilhas da música brasileira, mas amplificará seu refinamento estético em composições ao lado de outros parceiros, como Orlando Morais (na plangente "Logrador", interpretada por Bethânia: Você habita o próprio centro/ De um coração que já foi meu/ Por dentro torço pra que dentro em pouco / Lá só more eu) e Claudio Zoli, em "À francesa" (Passeando pelo mundo afora/ Na cidade que não tem mais fim). E o Rio seguirá recorrente na sua criação, a exemplo de Inverno (com Adriana Calcanhotto): Caminho ao longo do canal/ Faço longas cartas pra ninguém/ E o inverno no Leblon é quase glacial. Ou "Virgem" (As luzes brilham no Vidigal / E não precisam de você / Os Dois Irmãos também não precisam) e "Este ano" (ambas com Marina), esta última com o emblemático verso o Rio soa como eu sou.

musas caprichosas

"A filosofia e a composição musical são atividades opostas, mas complementares do meu espírito. Nem sempre é fácil administrar o tempo entre elas", relata Cicero, afirmando mover-se "aos trancos e barrancos" nessa ponte. Sobre a possibilidade de interseção com os distintos elementos de um universo e do outro, observa: "A poesia é uma zona de confluência. Todo bom poema é



concreto (o que não quer dizer concretista), e o concreto é a síntese das determinações abstratas. Tudo influencia tudo. Minha poesia vem do acaso e do trabalho. O que chamamos de inspiração é um acaso que mexe produtivamente com nosso inconsciente e vice-versa. Não há oposição entre inspiração e trabalho. O trabalho solicita a inspiração, e a inspiração tem que ser trabalhada."

Os estímulos, segundo ele, estão em todo lugar. "Mas numa dimensão do tempo que não é aquela — utilitária — em que passamos a maior parte da vida. É o tempo do devaneio. Só entra nele quem está totalmente disponível a `perder tempo`, sem garantia nenhuma de que as musas virão, porque elas são caprichosas. Agora, sem essa disposição, elas não vêm mesmo", repara. Reino secreto este, que se pode contemplar em "Misteriosamente", parceria com João Bosco e Waly Salomão: É noite alta e quente e não vou mais dormir/ Pois uma canção insiste em surgir misteriosamente/...Gota por gota cada nota vai brotar/ Algo gratuito assim que vem só porque quer.

O desassombro em transitar tanto no universo erudito quanto no pop desenha um caminho solitário para Cicero como intelectual no Brasil. "Especialmente, na filosofia — reconhece. Devo ao

Marta Braga

Caetano Veloso e Cicero no filme "Tabu", de Júlio Bressane, em 1982

O que é bom, o tempo não muda.
Nas Lojas Bob's Original, você pode saborear todos os sanduíches e sobremesas que marcaram época ou escolher os que você já conhece.

Loja Bob's Original Domingos Ferreira
Rua Domingos Ferreira, 236 - Loja A e B
Copacabana

Loja Bob's Original Garcia D`Ávila
Rua Visconde de Pirajá, 463 A
Ipanema

Lita Cerqueira

Década de 70, na casa de Caetano e Dedé Veloso, na Rua Peri, no Jardim Botânico: a partir de cima, da esquerda para a direita, Maria Gladys, Cicero, Júlio Bressane, Waly, Dedé, Haroldo de Campos, Rosa Dias, Susana Moraes, Oscar Maron, Alex Varella, Guel Arraes, Sílvio Correia Lima, Luciano Figueiredo e Caetano

poeta e ensaísta Antonio Medina Rodrigues o único artigo publicado pela imprensa, no 'Estadão', sobre meu livro de filosofia. O mundo desde o fim (1995). Nada, também, divulgou-se quando saiu 'Finalidades sem fim' (2005), meu livro de ensaios sobre poesia e arte. Creio que isso se deve a dois fatos. Primeiro, não estou ligado à academia; segundo, desenvolvi meu pensamento por mim mesmo, a partir, é claro, de um diálogo com grandes pensadores, mas sem vinculação nenhuma com as modas contemporâneas, que considero superficiais. Os professores convencionais de filosofia não sabem como lidar com meus textos." Tal destemor para interatuar em terrenos diversos e, aparentemente, conflitantes, sem abrir mão da entrega em nenhum deles, está explícito na bela e contundente "Três" (com Marina): Eu quero tudo que há/ O mundo e

"Uma verdade absoluta é que nenhuma positividade é absoluta. Isso significa também que o absoluto é negativo; ou ainda: que a negatividade é absoluta"

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Álbum Pessoal

Com Cazuza e Waly Salomão, no Baixo Leblon, década de 80

> O Rio parecia inesgotável àquele adolescente que era eu/...entrar em becos, travessas, avenidas, galerias, cinemas, livrarias

seu amor/ Não quero ter que optar/ Quero poder partir/ Quero poder ficar.

Feito de um mundo imenso

Para Cicero, a filosofia, ao contrário da poesia, tem a pretensão de dizer verdades — verdades até absolutas. "Uma verdade absoluta é que nenhuma positividade é absoluta. Isso significa também que o absoluto é negativo; ou ainda: que a negatividade é absoluta", acentua ele, que tem em Kant e Horácio o filósofo e o poeta maiores. "Kant é o filósofo do mundo moderno, crítico, aberto. Sobre Horácio, faço minhas as palavras de Nietzsche: Até hoje não senti em nenhum poeta o mesmo arrebatamento artístico que desde o início uma ode horaciana me deu. Em algumas línguas, não se pode sequer querer o que lá foi alcançado."

Paulo Ricardo

Abraçado a Marina, com o Disco de Ouro pelo álbum "Todas ao vivo", de 1986

Reflexões angustiantes aparecem em versos como os de "Dilema", que está no CD "Antonio Cicero por Antonio Cicero", lançado em 1996 (na coleção "Poesia Falada", produzida por Paulinho Lima), no qual lê seus poemas: O que muito me confunde é que no fundo de mim estou eu/ No fundo sei que não sou sem fim/ E sou feito de um mundo imenso/ Imerso num universo que não é feito de mim/ Mas mesmo isso é controverso/ Se nos versos de um poema/ Perverso sai o reverso/ Disperso num tal dilema/ O certo é reconhecer: no fundo de mim sou sem fundo. "A primeira vocação de um poema escrito é ser lido. E lido não para fora, mas para dentro. É claro que quem o lê tem que levar em conta o seu som. Trata-se de uma leitura aural, como diz o poeta francês Jacques Roubaut. A recitação não passa de um suplemento ao livro", sinaliza.

Ainda naquele ano, Cicero publica "Guardar", seu primeiro livro de poesias (Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira 1997), o que só tornará a fazer

em 2002, com "A cidade e os livros", em que o Rio de Janeiro o captura e magnetiza: O Rio parecia inesgotável àquele adolescente que era eu/...entrar em becos, travessas, avenidas, galerias, cinemas, livrarias: Leonardo da Vinci Larga Rex Central Colombo Marrecas Íris Meio-Dia Cosmos Alfândega Cruzeiro Carioca Marrocos Passos Civilização Cavé Saara São José Rosário Passeio Público Ouvidor Padrão Vitória Lavradio Cinelândia. "Nesse poema, conto minha descoberta, quando adolescente, de que a cidade inteira estava aberta para mim; que, de certo modo, pertencia a mim. Como garoto da Zona Sul (depois do Leblon, fui, aos dez anos, morar na Vieira Souto, em Ipanema), eu rarissimamente saía da região, e nunca sozinho. Um dia descobri que podia tomar um bonde ou ônibus e andar pela cidade toda. Comecei a percorrer também o Centro a pé. Às vezes pegava uma barca e passeava em Niterói, ou um trem na Central até Cascadura, Madureira, Méier. Foi uma grande sensação de liberdade. Em 'O último romântico', que fiz com Lulu Santos e Sergio Souza, falo da importância de reunir a Zona Norte à Zona Sul."

À polêmica discussão em torno de uma letra de música poder ou não configurar poesia, ele analisa: "Que uma letra de música pode ser poesia é inegável, pois os poemas líricos gregos, como os de Safo, Anacreonte ou Píndaro, eram letras de música, e ninguém duvida que sejam grande poesia. Um poema consiste numa síntese indecomponível de determinações semânticas, sintáticas, morfológicas, fonológicas, rítmicas. Tudo nele conta: sentidos, sons, sugestões, ecos. Quero que sejam assim os poemas que faço." E complementa: "Não desassocio nada de nada no poema que escrevo para ser lido. Já na canção é diferente, pois não componho música, não toco instrumento, nem canto. Normalmente, recebo uma melodia e tento interpretá-la, pensando no parceiro ou em quem a cantará. E ponho palavras nela. Sendo assim, música é uma coisa e letra, outra."

Os tais caquinhos

Qual a percepção do poeta hoje, depois de ter escrito a demolidora "Pra começar" (com Marina) ainda nos anos 80, em torno dos "caquinhos do velho mundo" — pátrias, famílias, religiões e preconceitos? "O que eu dizia ali é uma verdade. Mas muitos se desesperam, ao perceber que essas coisas perderam a sacralidade, e tentam colar seus caquinhos de qualquer modo, à força. Querem voltar a um passado idealizado. Não suportam a ideia de viver num mundo aberto, em que tudo está sujeito a ser criticado. Tentam fechá-lo artificialmente e, para tanto, têm que usar imensa violência. Esse é o germe do fascismo. Precisamos

Álbum Pessoal

Ao lado de sua mãe, na década de 70

O que muito me confunde é que no fundo de mim estou eu/ No fundo sei que não sou sem fim/ E sou feito de um mundo imenso/ Imerso num universo que não é feito de mim

estar alertas a esse risco." A visão afiada sobre o Brasil contemporâneo se evidencia em "Zona de fronteira" (com João Bosco e Waly Salomão): Já alguns sinais estão aí/ Sempre a brotar do ar/ De um território que está por explodir/...Sim, bem em cima do barril/ Exato na zona de fronteira/ Eu improviso o Brasil.

Conectado a plataformas virtuais, com site e blog próprios, Cicero examina a escrita em tempos de internet. "Publico no blog textos que gostaria que muita gente lesse, meus ou os que admiro. Mas não acho que a poesia deva mudar por causa da internet. Eu a uso como um veículo de comunicação e, também, uma espécie de enciclopédia e biblioteca. Não tenho tempo para facebooks ou coisas do gênero", descarta. Com três livros em vias de publicação – um de poemas, um sobre poesia e filosofia, além de um terceiro de ensaios –, o atual morador do bairro do Humaitá arremata: "Continuo sendo um andarilho, mas não tenho tanto tempo para flanar. Gosto de caminhar. Meu espaço favorito é o Jardim Botânico, onde uma minha tia muito querida, Maria Cândida, levava-me para passear com sua filha, Marília, quando eu era garoto. Adoro Leblon, Copacabana, Lagoa, Botafogo, Niterói e, sempre, o Centro. Para mim, viver bem é ter tempo para o devaneio, ler, escrever e pensar sem compromisso, jantar e tomar um vinho, conversando com os amigos." Pois, então, um brinde à doce vida, poeta!

Álbum Pessoal

Com Susana Moraes, Adriana Calcanhotto e Waly Salomão, no lançamento do CD "Antonio Cicero por Antonio Cicero", em 1997

Há quem sambe diferente

POR MÔNICA SINELLI

Que Assis Valente veio ao mundo a 19 de março na Bahia é, ao que parece, ponto pacífico. Mas de que ano, 1908 ou 1911? O ICCA fica com 1911, apenas para poder homenagear mais uma vez seu centenário. A localidade precisa, do mesmo modo, resvala em controvérsias. Assim como esta, muitas são as névoas que envolvem sua biografia. Mas, pode-se afirmar, com segurança, foi no Rio de Janeiro, para onde se transferiu em 1927, que ele compôs seu vasto cancioneiro – 178 composições impregnadas de tempero carioca.

Em Pateoba, Campo da Pólvora ou Santo Amaro da Purificação? As informações sobre o local de nascimento se dividem. Diz-se, também, que o menino José de Assis Valente — fruto de uma aventura entre Maria Esteves e o português José Antônio dos Santos (então casado) — foi sequestrado dos pais biológicos e entregue para criação a uma outra família. E que aos 10 anos seguiu com um circo mambembe. E que...

Há suposições para todos os gostos, favorecidas pela precariedade de informações comprovadas em torno de Assis Valente. A lacuna será suprida em breve, com o lançamento do livro "Quem samba tem alegria", escrito pelo jornalista Gonçalo Silva Júnior sobre a vida do compositor, com base em consistentes levantamentos acumulados ao longo de mais de uma década. A começar pelo ano de nascimento do poeta, por muitos indicado como o de 1911. O biógrafo, que delega a questões sen-

timentais a motivação para elaborar o trabalho — a obra de Assis era a trilha sonora de sua casa —, bate o martelo. "Segundo o relato da filha, Nara Nadile, confirmado pelo registro da certidão de casamento, o ano correto é 1908. A localidade, Campo da Pólvora. E não houve rapto. Sua mãe o entregou a uma família vizinha de Antônio, em Salvador, e ele foi levado para Alagoinhas", pontua.

Seja como for, o fato é que as pistas deixadas pelo compositor, mesmo as escorregadias — ou, sobretudo, essas —, ajudam a desenhar a alma conturbada, que se defendia por trás de canções bem-humoradas. Elas acendem luzes sobre a trajetória do rapaz que, já morando em Salvador, frequentou cursos de desenho no Liceu de Artes e Ofícios e se especializou em prótese dentária. Foi como protético, aliás, que Assis Valente se empregou, ao desembarcar em 1927 no Rio de Janeiro, do qual se tornaria um afiado cronista. Reza a lenda que suas dentaduras ficaram famosas (em pouco tempo já teria laboratório próprio), rendendo-lhe até o epíteto de O Pivô do Samba, dado por Lamartine Babo, um de seus poucos parceiros — ao lado de nomes como Luiz Gonzaga e Ataulfo Alves —, pois criou quase tudo solitariamente. "Constatei que, em 1928, ele colaborou como cartunista na revista masculina Shimmy, muito ousada para a época, ao publicar fotos de garotas francesas nuas", prossegue Gonçalo. A atividade de desenhista o aproximou do músico Heitor dos Prazeres, também ligado às artes plásticas, que o estimulou a compor.

Dancê aveque muá

O percurso de glórias (e turbulências) se inicia com a gravação, em 1932, de seu primeiro samba, "Tem francesa no morro", por Aracy Côrtes — recuperado em 2010 por Zeca Baleiro (CD "Concerto") —, debochando dos termos em francês usados pela elite carioca: *Donê muá si vu plé lonér de dancê*

"Assis foi um compositor absolutamente carioca, na temática, no ritmo, no espírito, na picardia. Eu o classificaria, fácil, entre os 10 maiores sambistas de todos os tempos"

aveque muá/ Dance loiô, Dance laiá.

Nesse período, Assis se torna amigo de Carmen Miranda — e presença assídua no repertório da cantora, que registraria 23 composições do autor. Para ela, que explodiria ao final daquela década nos Estados Unidos, escreveu "Good-bye, boy", justamente uma crítica aos americanismos linguísticos que pipocavam nas altas rodas de antanho. A Pequena Notável encarnaria sua principal intérprete. Fala o escritor Ruy Castro, autor de "Carmen — uma biografia": "Assis Valente é uma das grandes provas de que gato que nasce em forno não é biscoito. Sim, ele nasceu na Bahia, mas esta não tem nenhum direito sobre ele. Ele é nosso. Assis foi um compositor absolutamente carioca, na temática, no ritmo, no espírito, na picardia. Eu o classificaria, fácil, entre os 10 maiores sambistas de todos os tempos. E não podemos esquecê-lo como cultor daqueles dois outros gêneros tão bonitos, tão brasileiros e tão esquecidos: a marchinha de Natal e a marchinha junina. Ele deveu muito a Carmen Miranda — e ela a ele".

Gonçalo Junior, autor da biografia que será lançada sobre o compositor

Em 1933, o mais carioca dos baianos lança, na voz de Carlos Galhardo, "Boas-festas", que passaria a representar a canção natalina brasileira por excelência, em seus doloridos versos de abandono, prenunciando o homem deprimido em seu destino trágico: *Já faz tempo que eu pedi, mas o meu Papai Noel não vem/ Com certeza já morreu, ou, então, felicidade é brinquedo que não tem*. Ainda naquele ano, para as festas juninas, a dupla Francisco Alves e Aurora Miranda eterniza "Cai, cai balão", outro hino à melancolia: *Cai, cai, balão/ Você não deve subir/ Quem sobe muito, cai depressa sem sentir*.

Quatro anos depois, Carmen grava "Camisa listada", que fez a festa dos foliões à época. Um clássico que Maria Bethânia reencenaria, no seu "Recital" na boate Barroco, em 1968: *Levou meu saco de água quente pra fazer chupeta/ Rompeu minha cortina de veludo pra fazer uma saia/ Abriu o guarda-roupa e arrancou minha combinação*. Puro Chico Buarque antecipado em décadas, com a narrativa conduzida sob o ponto de vista feminino.

mundo que segue

Diante da possível colisão fatal de um cometa com a Terra, em 1938, o histriônico repórter descreve, mais uma vez com Carmen, em "E o mundo não se acabou": *Acreditei nessa conversa mole/ Pensei que o mundo ia se acabar/ E fui tratando de me despedir/... Beijei a boca de quem não devia /... Dancei um samba em traje de maiô/ E o tal do mundo não se acabou*. Outra joia primorosa de irreverência que, de novo, Bethânia pescaria, em 1973 ("Drama"), no mar valentiano, revivida, também por Paula Toller, em seu primeiro disco solo, em 1998, e Adriana Calcanhotto, em 2000 (CD "Público").

Em 1939, Cinara Rios grava "Jarro d'água",

Assis se torna amigo de Carmen Miranda e presença assídua no repertório da cantora, que registraria 23 composições do autor

uma sátira às crises de abastecimento de água no Rio, e Carmen, "Uva de caminhão", em referência à supersafra da fruta vinda do Sul, quando passou a ser vendida em caminhões pelas ruas: *Já me disseram que você andou pintando o sete/ Andou chupando muita uva/ E até de caminhão/ Agora anda dizendo que está de apendicite/ Vai entrar no canivete, vai fazer operação*. Em dezembro, Assis sela o casamento com Nadile da Silva Santos, o qual só duraria até o nascimento da única filha, Nara Nadile, em janeiro de 1941.

Pandeiro polêmico

Quando Carmen Miranda vai ao encontro do estrelato na terra do Tio Sam, a carreira do autor — que sofre o baque —, na contramão, dá os primeiros sinais de fadiga. À passagem de sua maior cantora pelo Brasil, em 1940, ele a recebe com "Brasil pandeiro". Em mais um lance nebuloso envolvendo Assis, consta que sua musa refugou a composição, deixando-o desolado. Porém, essa visão não coincide com a do biógrafo da artista: "Vamos parar com essa história de que Carmen recusou o "Brasil pandeiro" porque não gostou. Recusou porque o samba se referia a ela, e Carmen não era cabotina para cantar as próprias glórias. Aliás, na mesma sessão em que Assis foi lhe apresentar coisas novas, ela pegou o sensacional 'Recenseamento'", sinaliza Ruy Castro, desmontando a versão oficial.

"Brasil pandeiro" seria lançado, no ano seguinte, pelo conjunto Anjos do Inferno. E se tornaria um estrondoso sucesso nacional, já nos efervescentes anos 70, revigorado pelo chamamento à mestiçagem dos Novos Baianos: *Chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor/ Eu fui à Penha e pedi à padroeira para me ajudar/ Salve o Morro do Vintém, pendura a saia que eu quero ver/ Eu quero ver o Tio Sam tocar pandeiro para o mundo sambar*. Pequeno *insight* do futuro mundo globalizado.

"Recenseamento", afinal — samba que expunha as agruras provocadas pelo censo geral do Brasil, no governo Vargas —, acaba sendo sua última composição gravada por Carmen Miranda: *Em 1940, lá no morro começaram o recenseamento/ E o agente recenseador esmiuçou a minha vida que foi um horror/ E quando viu a minha mão sem aliança, encarou para a criança que no chão dormia/ E perguntou se meu moreno era decente, se era do batente ou se era da folia*.

Gesto em desafino

Pós-separação de Nadile — e de Carmen —, a 13 de maio de 1941, no auge de sua carreira, ecoa a primeira grande nota dissonante na partitura do inventor de alegrias. Com o consultório falido pela administração desastrosa e atolado em dívidas, Assis se atira do Corcovado. Capturado por uma árvore e resgatado pelo Corpo de Bombeiros, ele sobrevive. Ruy Castro relativiza a dimensão do incidente: "Sua tentativa de 'suicídio' foi esperta. Sim, ele se jogou do alto do Corcovado, mas não do

lado do paredão, do qual cairia lá embaixo, e sim do declive, onde apenas rolou por alguns metros."

Gonçalo Júnior, entretanto, sustenta a contundência da atitude: "Assis fez um espetáculo de terror no alto do Corcovado durante duas horas. Juntou muita gente, e os detalhes dos relatos da imprensa mostram que se jogou sem escolher um lado onde pudesse sobreviver, ao ver a aproximação de policiais e bombeiros. Estes afirmaram aos jornais que a queda foi de 70m, o equivalente a um prédio de mais de 20 andares. As fotos publicadas no Globo revelam bombeiros escalando um imenso paredão de pedras, com ele pendurado por uma corda." Qual tenha sido a graduação do episódio, um dia o grito alcançaria a potência máxima.

Em 1942, Assis lança "Fez bobagem", grande sucesso na interpretação de Aracy de Almeida, revisto por Nara Leão, em 1969: *Quando eu penso que outra mulher/ Requebrou pra meu moreno ver/ Nem dá jeito de cantar/ Dá vontade de chorar/ E de morrer*. Outra letra entoada no feminino. Mas já se precipita o declínio irreversível. Seu nome vai sendo progressivamente silenciado nas rádios, agora preenchidas por novos ritmos. Embora continuasse a compor, não mais consegue emplacar suas músicas. Não tarda uma segunda tentativa de suicídio, cortando os pulsos.

Seu último sucesso acontece em 1950, por meio do amargurado samba-canção "Boneca de pano", com o conjunto Quatro Ases e um Coringa: *O tempo foi passando/ E ela se desmanchando/ E hoje quem olha pra ela não diz quem é/ Em vez de boneca de louça/ Hoje é boneca de pano de um sombrio cabaré*. Em 1957, Marlene ainda registra "Jarro d'água" e "E o mundo não se acabou". A Rainha do Rádio lhe dedicaria um disco inteiro, com seus maiores sucessos.

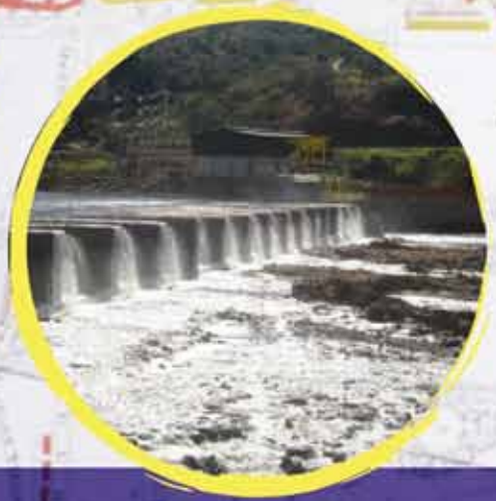
Último ato

A situação financeira ficara insustentável. Em 10 de março de 1958, nove dias antes de completar 50 anos, Assis Valente saiu de casa, na Rua Santo Amaro, no bairro da Glória, até o consultório na Cinelândia. Às 15h, seguiu para a Sbacem, sociedade arrecadadora de direitos autorais à qual era filiado, para inteirar-se de seus rendimentos. Não havia nenhum dinheiro salvador. Às 16h30, ligou para o trabalho, expedindo orientações a seus funcionários acerca de como procederem após sua morte. Uma hora depois, faria outros contatos telefônicos, desta vez com seu editor, Vicente Vitale, e o teatrólogo Paschoal Carlos Magno, cientificando-os sobre o ato final que pretendia executar. O primeiro ainda alertou a polícia. Paschoal não levou a ameaça a sério. Às 18h, em um banco da Praia do Russel, uma combinação de guaraná com formicida proporcionou o desfecho dramático do fazedor de ilusões. Em seu bolso, uma carta à polícia patenteava que, afundado em dívidas, deixava a vida por vontade própria, rogando, também, ao amigo Ary Barroso que lhe quitasse dois aluguéis em atraso. E se despedia, com o verso definitivo: "Vou parar de escrever, pois estou chorando de saudade de todos e de tudo".

Chegara a hora de o criador de levezas mostrar seu (fatal) amargor. Não testemunharia o emergir do universo brejeiro que continua encantando o país, como demonstram as muitas regravações aqui citadas. A Rede Globo lhe prestou duas homenagens: um programa inteiro, em 1977, dentro da série de grandes compositores, Brasil Especial, escrita por Ricardo Cravo Albin e dirigida por Augusto Cesar Vannucci; e, na década de 80, o programa Brasil Pandeiro, apresentado por Betty Faria e com os mesmos Vannucci e Albin. Vários musicais foram montados em cima de sua vida. Agora, é aguardar o lançamento de "Quem samba tem alegria", que vem destampar um complexo e difuso mundo, até aqui subterrâneo.

Engevix.

Crescendo junto com o Brasil de hoje e de amanhã.



A Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil. Somos mais de 4.300 colaboradores dedicados aos mais variados projetos, como infraestrutura rodoviária e portuária, geração de energia de fontes renováveis, unidades de tratamento de óleo e gás, construções oceânicas para extração e transporte de petróleo, projetos de transporte público de massa, redes de expansão de saneamento. Trabalhamos em mais de 13 Estados e no Distrito Federal, além de unidades em países do Mercosul, Estados Unidos e nos continentes africano e asiático. Empregamos as mais modernas tecnologias em nossas atividades e desenvolvemos conhecimento como resultado da experiência de mais de 45 anos de atuação em engenharia consultiva. Hoje a Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil de amanhã.

ENGEVIX

Engenharia Inteligente.
Empreendimentos de Valor.

www.engevix.com.br
+55 11 2106.0100

2017 COMUNICAÇÃO

a bossa do pão de queijo

por Fernanda Good

Uma leve pitada de jazz na gamela com um punhado do samba de raíz carioca e uma raspadinha de melodia de viola das Gerais. Misture tudo e adicione uma boa dose do timbre aveludado e suave da cantora norte-americana Julie London. A combinação chega próximo da indizível voz que encantou o público brasileiro nos anos 50. A mineira Rosana Toledo por pouco não roubou a Bossa Nova para Belo Horizonte. Graças a Deus, ficou por aqui com o sol, o céu, o sal e o mar. Mas, depois, esquecida por décadas a fio.

Em sua trajetória musical, Maria da Conceição Toledo — nome de batismo — gravou, entre os anos 1950 e 1970, seis álbuns. Apenas um não chegou a ser lançado, "Turma da Bossa Nova", responsável pelo primeiro racha da Bossa Nova, tendo de um lado a turma de Menescal e Bôscoli e de outro a de Carlinhos Lyra. O disco era um projeto da Odeon, que pretendia juntar todas as tendências do movimento, mas acabou não acontecendo. Transformou-se num compacto duplo do conjunto de Menescal.

Nascida em Belo Horizonte, em 29 de setembro de 1938, Rosana contesta muitas das informações que circulam sobre ela. A primeira é a de que não nasceu em 1934 e a outra, a de que era órfã. "Não sei de onde tiraram essas histórias. Quando tinha 6 anos, minha mãe, Nair, casou-se, pela segunda vez, com José Feliz Homem Bahia, a quem eu sempre chamei de pai e que foi um grande incentivador da minha carreira. Além disso não vivi em nenhum orfanato. Estudei, sim, no Colégio Nossa Senhora do Monte Calvário, onde era sempre requisitada para cantar", esclarece.

Ainda muito pequena, Rosana lembra que a brincadeira preferida dela e da irmã, Maria Helena, hoje já falecida, era a de show de calouros, reproduzindo os programas que ouviam no rádio. Daí para chegar à realidade, foi um pulo. "Perturbamos muito minha mãe até que ela nos levou a participar de um desses programas. O melhor de tudo foi que vencemos no "Hora da Corneta", da Rádio Mineira. Isso aconteceu quando eu tinha 9 anos".

Iniciou, então, sua carreira artística como integrante da dupla 'Irmãs Toledo', apresentando-se todos os domingos, das 10h às 12h no programa Gurilândia, da Rádio Garani. Atuaram juntas até 1951, voltando a se reunir oito anos mais tarde para se apresentarem na TV Itacolomi, de Belo Horizonte.

A carreira solo só aconteceria em 1955. Nesse hiato, como sempre quis ser independente,

Rosana Toledo com Elen de Lima

trabalhou no Laboratório Silva Araújo Roussel. A vocação artística, no entanto, falou mais alto e aos 17 anos fez um teste, sem que a família soubesse, na Rádio Inconfidência.

Não foi uma boa experiência, como conta. "O maestro me deu um corte e cheguei em casa aos prantos, mas meu pai me ajudou a dar a volta por cima. Foi ele quem me deu uma oportunidade para eu mostrar o meu valor."

José, na época, era representante da Vinícola Brasil Bosca Ltda. Como teria que fazer um comercial para divulgar o produto, fechou contrato de três meses com a Rádio Inconfidência para o programa 'Vinícola Brasil Bosca Ltda., apresentado por Rosana Toledo'.

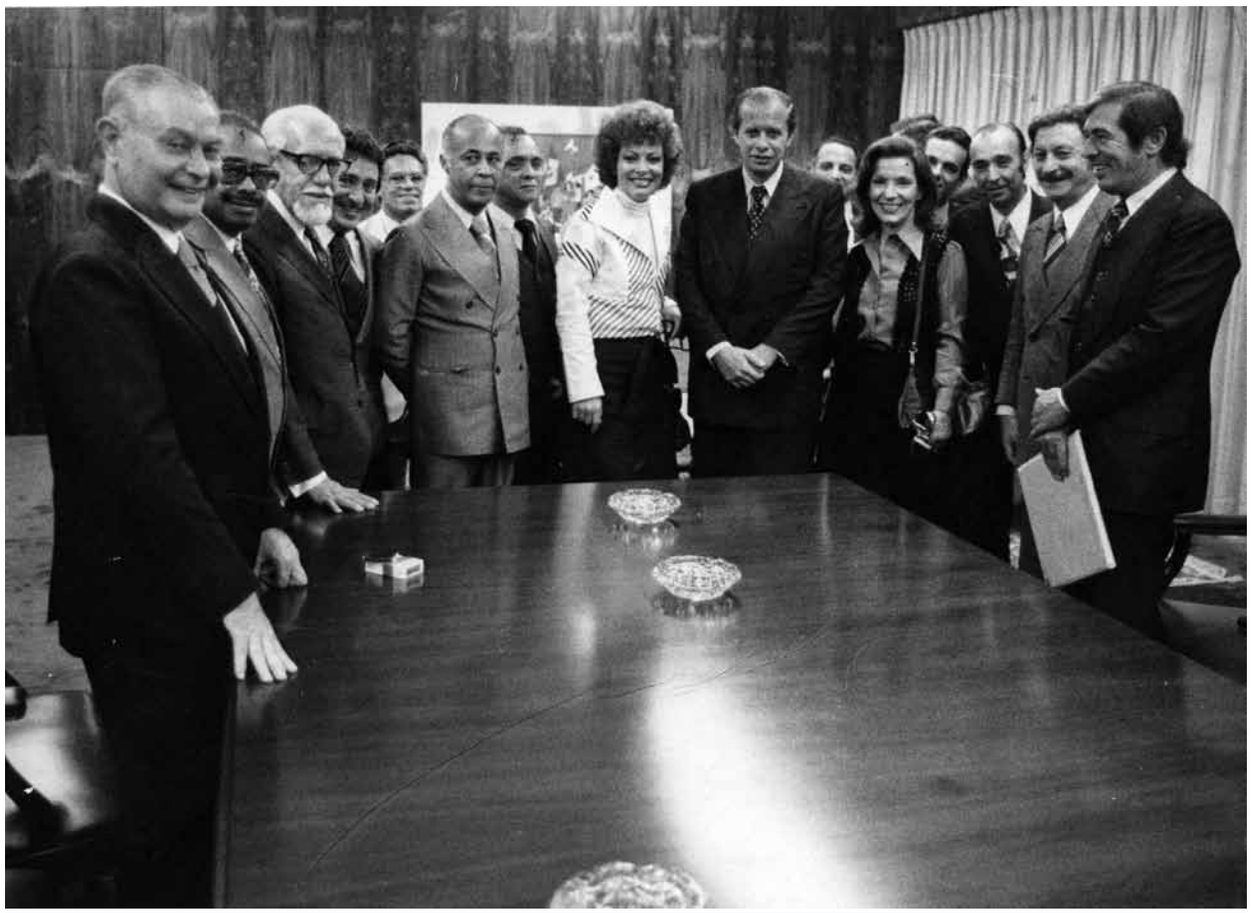
Irmãs Toledo

Na TV Rio

Voos altos

A partir daí, sua carreira deslanchou. Fechou um novo contrato com a mesma emissora, dessa vez no programa 'Companhia Telefônica Brasileira apresentado por Rosana Toledo'. Acabou por ser escolhida como a melhor cantora por um júri de diretores artísticos. Em 1957, foi coroada com o título de Rainha do Rádio de Belo Horizonte.

Ainda no mesmo ano gravou seu primeiro 78rpm, pelo selo Polydor, com "Chove lá fora", de Tito Madi, e o bolero "Faça de conta", de Fernando César, acompanhada pela orquestra de Enrico Simoneti. Em 1959, a consagração, recebeu o Prêmio de Melhor Estrela da Televisão Mineira.



Com Mario Henrique Simonsen (então ministro da Fazenda), Emilinha Borba, Carlos Galhardo e João Dias

João Dias, Rei do Rádio; Rosana, Rainha do Rádio

No mesmo ano, recebeu o título de Personalidade do Ano como cantora de MPB. Um dos outros homenageados foi ninguém menos que Juscelino Kubitschek.

Galgava degraus cada vez mais altos e, em 1960, assinou contrato com a Odenon, onde gravou seu primeiro LP "A voz acariciante de Rosana", com destaque para "Sonata sem luar", de Fred Chateaubriand e Vinícius Carvalho, o que lhe rendeu uma turnê pelas principais cidades brasileiras.

A vinda para o Rio de Janeiro se deu a partir de uma apresentação no Show Automóvel Clube, quando cantou e encantou ao interpretar, entre

Rosana Toledo, hoje, no Retiro dos Artistas

João Dias, Antonio Prieto, Rosana Toledo, Carlos Galhardo e Luiz Ayrão

outras, "Terra seca", de Ary Barroso, e "Serenata do adeus", de Vinícius de Morais, sendo aplaudida de pé pelo público e também pelos colegas de palco, entre eles: Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Helena de Lima, Cyro Monteiro e Maria da Glória, do 'Show da Tarde' da TV Tupi.

"Glorinha ficou encantada e me indicou para a agência Master Publicidade, que ficava no Rio. Lá eles me contrataram para lançar o cigarro L&S."

O programa 'L&S e Rosana' durou todo o ano de 1960, às quintas, na TV Continental, que ocupou o espaço deixado pela Tupi na apresentação de shows. A Tupi, na época, passara a se dedicar ao teatro de comédia.

Uma das lembranças que guarda com grande carinho aconteceu em 1961, quando se apresentava em Caracas, Venezuela, na "El duende". "Quando entrei, eles tocaram "Canção que morre no ar". Fico arrepiada até hoje só de lembrar. Eram 15 dias de show e acabei ficando 45, com casa lotada. E olha que lá também se apresentavam Pedro Vargas e Lucho Gatica", contou, emocionada.

De cada um dos países onde esteve tem ótimas recodações. "Em Acapulco, no México, faziam-me serenatas. Na Espanha, era um nome consagrado na música", relembrou Rosana, que ainda esteve em turnê na Itália, na França, em Portugal, toda a América Latina, além de percorrer todo o Brasil. "Fui do Oiapoque ao Chuí", conta, divertida.

Em 1962, lançou o LP "Rosana... a voz do amor". No ano seguinte, "... e a vida continua", destacando-se a faixa-título de Jair Amorim e Evaldo Gouveia. E, em 1963, foi a vez de gravar o

álbum "Sorriso e lágrima". Dois anos mais tarde, o LP "Momento novo", com a canção-título de Luiz Bonfá e Maria Helena Toledo.

Intérprete de nomes como Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli; Baden Powell e Billy Blanco; Herivelto Martins e Marino Pinto; e, claro, sua irmã, Maria Helena Toledo, e Luiz Bonfá. Rosana, no entanto, fez questão de ressaltar com carinho Fred Chateaubriand: "Ele foi o grande mestre, foi quem primeiro acreditou em mim."

Polêmica

Ao falar de Maysa e de "Dia das rosas", não se sente muito à vontade. É a história, como ela própria diz, "mais chata da carreira". Rosana fez a primeira seleção da música em questão, de composição de Luiz Bonfá e Maria Helena Toledo, para o I Festival Internacional da Canção, que foi aprovada e entrou para o concurso. Mas quem a apresentou durante o festival foi Maysa, que estava sem mídia porque acabara de voltar de uma temporada internacional.

Mas a questão vai além quando diz respeito a Maysa. Rosana muitas vezes foi apontada como a cantora que imitava Maysa. "A questão é que tínhamos o mesmo timbre. A diferença era a bebida. Um dia fui até a TV Rio colocar os pingos nos is, esclarecer que eu, Julie London e Maysa tínhamos registros de voz semelhantes. Ninguém imitava ninguém. Mas criaram uma polêmica entre nós. Fora dos bastidores, éramos amigas", explicou.

MPB 100 ao vivo

Em 1975, participou da série de programas de rádio "MPB 100 ao vivo", transmitida para todo o Brasil pelo Projeto Minerva, da Rede Nacional de Emissoras e produzida e apresentada por Ricardo Cravo Albin. Dessa série, resultaram oito LPs de igual título. "Foi um grande presente do Ricardo. Fiz a época da Bossa-Nova e até hoje tenho o *script* do programa."

"Um dia fui até a TV Rio colocar os pingos nos is, esclarecer que eu, Julie London e Maysa tínhamos registros de voz semelhantes. Ninguém imitava ninguém. Mas criaram uma polêmica entre nós. Fora dos bastidores, éramos amigas"

Em 1976, estrelou, junto com o compositor Cartola, o espetáculo "O sol nascerá", apresentado no Ibam, no Rio de Janeiro, com direção e apresentação de Ricardo Cravo Albin. O show narrava a história da MPB nos anos de 1960 e 1970.

2011

Hoje, Rosana, com 73 anos, não vê mais grandes nomes na MPB. "A melodia está pobre e as letras têm muita duplicidade. Música tem que ser entendida no ato. Tem que ser uma história cantada", sentenciou.

Mesmo com toda a vida agitada, Rosana passou por quatro casamentos. Do primeiro, nasceu seu filho Cylo Homero de Toledo, em 1958. E há 13 anos ganhou o neto, Henrique. Para ela, hoje, felicidade se resume ao filho, ao neto, a Mel (uma cachorrinha bassê de um ano) e aos passarinhos, que passam para visitá-la em sua casa no Retiro dos Artistas. "Isso é que me dá prazer. Os aplausos, já tive todos os que quis. Não tenho sede por mais. Sem mágoa e sem saudade. A vida é para a frente.", comemora com seu largo sorriso.

"100 ANOS DE MPB"

Em acordo com o ICCA, o selo Discobertas está lançando em quatro CDs duplos a coleção 100 anos de Música Popular Brasileira, idealizada pelo produtor Ricardo Cravo Albin a partir dos programas radiofônicos "MPB 100 ao vivo", trazendo gravações raras, realizadas no auditório da Rádio MEC, entre 1974 e 1975.

"A coleção pretende mostrar um pouco da história da evolução cronológica da Música Popular Brasileira nesses últimos 100 anos", diz o texto de Ricardo publicado junto com os discos na época.

Rosana Toledo canta oito músicas. São elas: "Preciso aprender a só ser", de Gilberto Gil, "Roda", também de Gil em parceria com João Augusto, "Mas que nada", "País Tropical" e "Trio Maravilha", de Jorge Ben - essas três ela canta com Peri Ribeiro -, "Esse cara", de Caetano Veloso, "Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant, e "Canto de Ossanha", de Baden Powell e Vinicius de Moraes.

"É tipo um *remember* que vale a pena", enalteceu Rosana Toledo.

Enoteca ICCA decanta suas canções

por Kelly Nascimento

Se Carinhoso fosse um vinho, que aroma teria? Pensando nessas e outras transposições etílicas, o Instituto Cultural Cravo Albin se lança em mais uma aventura: o projeto "Vinho & Música Especial". Uma oportunidade de juntar e privar dois grandes prazeres da Humanidade: o divino licor rubiáceo e as canções que são para não esquecer. O carioca, que não é bobo nem nada, brinda o presente dos deuses.

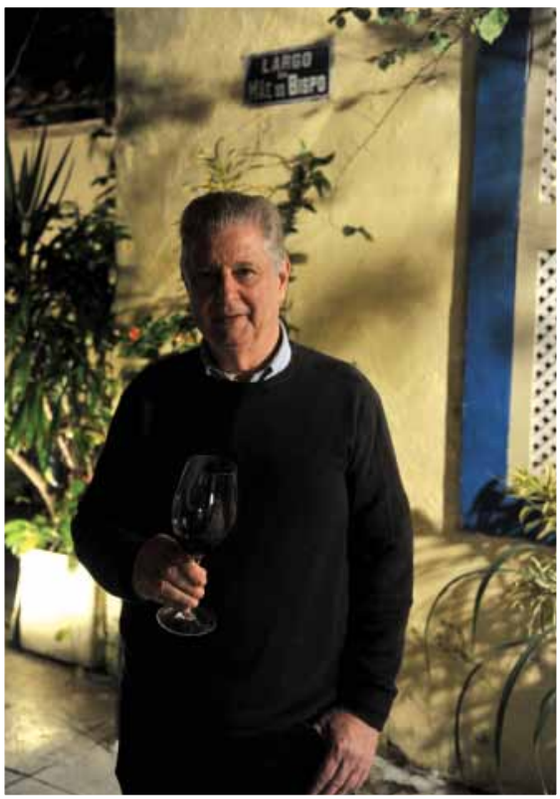
A ideia é conjugar o melhor da MPB com a degustação de vinhos, em busca da combinação perfeita. Para alcançar o objetivo, Ricardo foi no parceiro certo para aliar seus conhecimentos musicais: José Grimberg, da Bergut Vinho & Bistrô. Originada da palavra alemã Berghut, que corresponde às aconchegantes construções situadas nos Alpes para oferecer abrigo e alimentação aos viajantes locais, a Bergut oferece a públicos carioca e niteroiense o que há de mais requintado dos melhores importadores do ramo. "O ICCA é uma casa de fruição. Afinal de contas, música é fruição; é feita por pessoas com abertura para fruição. Logo, o Instituto não podia ficar longe da gastronomia", explica Ricardo.

O encontro de Ricardo Cravo Albin e José Grimberg foi possibilitado pela jornalista Alice Granato, uma amante de bons vinhos *por supuesto*. "Os dois se conheceram no lançamento do meu site, que aconteceu no ICCA. Acho superimportante ligar música a gastronomia. Sinto que muitos restaurantes não prestam tanta atenção na música. E música é fundamental! A ideia de pensar letra, música e harmonizar com vinhos era o que faltava. É mais que bem-vinda! Afinal, comer com história é muito mais saboroso", saúda Alice, espécie de madrinha do projeto.

"Isso é um projeto que fazemos há oito anos na Bergut. É uma tentativa de harmonizar vinho com música. Porque já é normal se harmonizar o vinho com a comida. Aí pensei: que determinados vinhos combinam com que música? Daí surgiu o evento, que ganha outra proporção com a parceira com o ICCA e os conhecimentos musicais do Ricardo", conta Grimberg.

Essa não será a primeira incursão do Instituto aos prazeres da mesa. "Já temos a tradição de servir em almoços e jantares que promovemos bons vinhos, sempre procurando uma relação custo-benefício bastante justa", observa Ricardo.

ARQUES
CONCHA
TRIVENO



E no primeiro encontro "Carioquice" promovido pelo Instituto, o prato principal foi o Picadinho da Mãe do Bispo. "Reunimos, na ocasião, o publicitário Lula Vieira, o jornalista político Villas-Boas Corrêa, o fundador e ex-presidente do Companheiros da Boa Mesa, Reinaldo Paes Barreto, e a carismática pastora da Velha Guarda da Portela, Tia Surica. E a farofa da *chef* Selma foi escolhida a melhor do Rio", recorda Ricardo. Em outra ocasião, o projeto "Menus Musicais do ICCA" promoveu a degustação de cachaças, atraindo apreciadores de música e bebida. Anos antes tivemos uma degustação de charutos cubanos Ney Sroulevitch, a que vieram ministros do próprio Fidel, Chico Buarque e até João Nogueira.

O "Vinho & Música Especial" tem uma dinâmica bem peculiar. É dividido em quatro ou cinco blocos musicais. Para cada um deles, um vinho é previamente escolhido. Sempre há uma banda musical e um especialista em vinho. "É bem simples uma pessoa falar sobre as características do vinho, os músicos tocam e os convidados vão degustando. Ao final, escolhe-se qual música harmonizou melhor com o vinho", resume Grimberg.

Os resultados são bem interessantes e permitem conhecer um pouco dos gostos enomusicais dos cariocas. "Já fiz várias experiências nesse sentido. Alguns resultados: 'As quatro estações', de Vivaldi, combinam com vinho do Porto. Já as canções de Chico Buarque caem bem com um bom espumante", diz.

> **"Hoje trabalhamos com mais de 1.500 rótulos de vinho. Afirmo com certeza que o carioca toma vinho o ano todo"**
>
> José Grimberg, da Bergut Vinho & Bistrô

A primeira edição do projeto no ICCA aconteceu em 24 de agosto. É a vez do "Mulheres em Pixinguinha". Daniela Spielmann, Sheila Zagury, Neti Szpilman e Clarice Magalhães tocam 15 clássicos

Ricardo Poock

Mulheres em Pixinguinha, no Salão de Exposições Temporárias do ICCA

de Pixinguinha. No programa, "Naquele tempo", "Cheguei", "Lamentos", "Mundo melhor" e, claro, "Carinhoso", entre outros. Os comentários musiciais ficam por conta de Ricardo Cravo Albin. As canções vão combinar com os vinhos Espumante Brut Nature, Terrunyo Sauvignon Blanc, Trivento Golden Syrah, Marques da Casa Concha Cabernet Sauvignon e Espumante Casillero del Diablo. Todos da produtora e exportadora chilena Concha y Toro.

Com tanta experiência, Grimberg conhece como ninguém o gosto dos cariocas. "Hoje trabalhamos com mais de 1.500 rótulos de vinho. Afirmo com certeza que o carioca toma vinho o ano todo. O tinto, tido como de inverno, o carioca toma no verão. Quem mora no Rio bebe mais vinho tinho — agora o branco começa renascer — e o espumante. Hoje eu reparo, por exemplo, em pizzarias, vejo muito mais garrafas de vinho que de cerveja nas mesas", garante.

E qual vinho combina com o Rio? "Certamente o espumante. Não há dúvida. Afinal, o Rio é *sparkling*!". *Cheers*.

'As quatro estações', de Vivaldi, combinam com vinho do Porto. Já as canções de Chico Buarque caem bem com um bom espumante

T10
28

O céu passeia de bondinho no alemão

ensaio fotográfico de

marcelo carnaval

KOBRA

EDUCAÇÃO

trem-bala

PALMEIRAS

Em nome da boemia, da Picardia e do sandubão

por Julia Santhiago

Na esquina das movimentadas ruas Uruguaiana e Marechal Floriano está localizado um dos mais tradicionais endereços gastronômicos do Centro do Rio. A Casa Paladino é um misto de bar, mercadinho e restaurante que há mais de cem anos se mantém absolutamente igual desde a sua inauguração, em 1906. O lugar remete aos tradicionais botecos cariocas que têm na simplicidade e na descontração o principal atrativo. O Paladino é referência em boemia e tradição e conserva ainda o charme e o frescor dos velhos tempos.

O bar mantém até hoje as mesmas mesas, cadeiras e fachada que carregam um legado de história e cultura. De acordo com Ricardo Amaro, sócio do Paladino desde 1978, esse é o grande diferencial da casa. "Gosto do estilo antigo. Manter a Casa Paladino dessa forma não deixa de ser também uma maneira de preservar a memória do Rio antigo", explica, com satisfação. Na entrada é possível ver andaimes de reforma na fachada do estabelecimento. Ricardo explica que as intervenções serão feitas apenas para preservação do local, mantendo o seu estilo centenário.

O cardápio é diversificado e oferece opções do famoso sanduíche triplo, que

AHMA
1
CASA PALADINO

"Gosto do estilo antigo. Manter a Casa Paladino dessa forma não deixa de ser também uma maneira de preservar a memória do Rio antigo"

Ricardo Amaro,
sócio do Paladino

Reprodução de foto da Rua Uruguaiana em 1909, exposta no interior do Paladino

possibilita que o cliente escolha até três opções de frios. Outra especialidade da casa, bastante requisitada pela clientela, é a omelete. Entre os sabores mais pedidos estão os de atum, sardinha e o de queijo. Os recheios são bem fartos e transformam sanduíches e fritadas em verdadeiras *pièce de résistance*. Há também a opção de pedir variados tira-gostos, chamados de pratinhos, que podem ser de atum, sardinha, filé ou carne-seca todos acompanhados com cebola, ou, ainda, lula ou polvo à portuguesa, entre muitos outros petiscos. Salames, presuntos, linguiças e azeitonas podem ser consumidos no local ou levados para casa. Fica ao gosto do freguês, já que o Paladino é um misto de bar e mercearia. Decoram as paredes um sem-número de recortes de jornais e revistas que citam a casa, além de várias premiações gastronômicas. Em 2006, por exemplo, foi eleito por Danusia Barbara o melhor chope, na categoria "boa cozinha sem estrelas".

O local é muito procurado para *drinks* e a frequência é bastante diversificada. Mas não só de fiéis *habituées* é formada a clientela, muitos jovens também já descobriram esse reduto que é uma verdadeira ode à baixa gastronomia. Aberto de segunda a sexta, das 8h às 20h30 e aos sábados até o meio-dia, o lugar funciona para o almoço e também para o *happy hour*. Entre os frequentadores ilustres, Ricardo cita os radialistas Luiz Mendes e Daisy Lúcidi, o cartunista Jaguar e o jornalista Sérgio Cabral, pai, Beth Carvalho e mais uma legião de fiéis admiradores. O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos é um deles e tem o seu prato preferido. "No Paladino como sempre a mesma coisa, a omelete mista. Só peço que tirem a cebola. Vem naquele prato pequeno, no tamanho exato da fome. Para acompanhar, uma coca zero e está feita a festa, que não sai por mais de doze reais", exclama. Adorador confesso das delícias do Rio de Janeiro, o jornalista homenageou a Casa Paladino em uma de suas crônicas. O

texto, publicado no jornal O Globo, em 2009, cita a omelete do Paladino como o ponto de partida e um dos atrativos da Avenida Marechal Floriano. O texto é um dos que estão expostos nas paredes do Paladino. “Colocaram a crônica na parede e isso muito me orgulha, estar inserido naquele contexto de carioquice, de espaço com as boas referências da cidade”, relata Joaquim.

Outro cliente fiel é o sambista Moacyr Luz. Segundo ele, é no Paladino onde se come o melhor sanduíche da cidade. “Na verdade o Paladino é especial em tudo, chope, uma bela batida de limão e, carro-chefe, a imbatível fritada de queijo com cebola.” Moacyr conta ainda que são muitas as

memórias que guarda do Paladino."Tinha eu 18 anos de idade, trabalhando por poucos meses no comércio, o escritório mantinha o endereço ao lado da Rua do Acre. Salário baixo, fazia alternativas refeições nos arredores da base. Dois lugares me marcaram: A Rua Miguel Couto, com suas sardinhas e, na esquina da Uruguaiana, o Paladino." Conta ainda que no menu de seus almoços incluía sempre o clássico sanduíche triplo, um chope servido na tulipa grossa e a batida de limão da casa, que segundo Moacyr é "requinte máximo de qualquer balcão".

A vasta mercearia da Casa Paladino também é, de acordo com o compositor, um dos atrativos do local, que oferece artigos como garrafas de vinho, peixes e iguarias enlatadas, além de azeites e temperos. "Da mercearia, recorro aos vinhos de bom preço, rolha simbólica e taça honesta. Tornei-me assíduo, amigo do dono, íntimo do Severino e do Mário, dois antigos garçons do salão", diz Moacyr. Os garçons do Paladino são considerados mais uma das relíquias da casa. Os dedicados funcionários trabalham há anos no estabelecimento e, apesar da fama de mal-humorados, dizem-se amigos dos clientes. Um deles é Edson Teixeira, funcionário há 32 anos. "O ambiente aqui é muito bom de trabalhar. Muitos dos clientes nós já conhecemos pelo nome, e esse clima descontraído e de amizade torna o trabalho muito mais prazeroso", afirma.

A Rua Larga

Entre a fritada do Paladino e o cisne do Itamaraty

Por Joaquim Ferreira dos Santos
(crônica publicada no jornal O Globo em agosto de 2009)

Há muitas maneiras de se começar uma viagem – e o poeta Murilo Mendes dizia que o mundo começava nos seios de Jandira –, mas um passeio pela Rua Larga começa sempre na fritada mista no Paladino, o bar na esquina com a Uruguaiana. Depois, com os sinos da igreja de Santa Rita tocando nas orelhas, você sai à calçada, mantém à direita e toma um café do tipo antigo, carioca, com cafeína, na loja do Capital. Ligue o iPod da imaginação. Ouça Dóris Monteiro cantando o *jingle* "tomo um, tomo dois, tomo três, porque bom mesmo é Café Capital outra vez" e, você está em público, tente não chorar.

A Rua Larga, mas pode me chamar de Rua Marechal Floriano, é uma linha de 800 metros que sai do bico do cisne negro que flutua no lago do Palácio do Itamaraty e termina no Largo de Santa Rita, num quarto para rapazes a R$ 10 a noite. É um Rio antigo sem o charme chiante da charrete de imperadores, aquele Rio que ficou escondido depois da abertura da Presidente Vargas e todo mundo finge que não existe. Só as vans e os boys rumo aos trens da Central passam por aqui. Se não fosse o belo livro organizado por Mozart Vitor Serra e Carlos Alberto Rabaça, lançado em julho, a Larga purgaria a decadência em silêncio. Sairia nos jornais apenas porque os mendigos tomaram conta da praça ao lado da Avenida Tomé de Souza.

Eu gosto da Larga. Concordo com quem grafitou "Precisamos mudar o mundo", na esquina com a Camerino, mas sigo em frente, sem tempo para lamúrias. É o Rio profundo. Numa esquina tem o Beco das Sardinhas, mais adiante a Casa do Árbitro com uma modelo de biquíni vermelho e preto na vitrine. Nada faz muito sentido. Sempre tomando cuidado para não dar mole com o iPhone, bato perna por ali na esperança de um dia reencontrar, vindo da Rádio Nacional, logo ali na Praça Mauá 7, o Jorge Veiga e o Jorge Goulart. Acho que dia desses vi o Rui Rey com uma rumbeira.

Minha rotina é a de sempre. Procurar as sombras da cidade perdida. Entro e saio pelas nove portas do Ao Dragão da Rua Larga apenas para tomar um gole de água gelada no bebedouro, o primeiro do Rio, e logo estou de volta aos bancos da Escola Rivadávia Correa. A cada semestre estico os dedos dos pés para que o Souza, o mais antigo comerciante da área, desenhe um sapato de couro de jacaré sob medida para eu ir ao baile no Trapiche Gamboa. A Rua Larga, como já foi dito, começa nas lâminas de tomate que se misturam aos presuntos da fritada mista do Paladino, os R$ 8 mais bem pagos da gastronomia carioca. Dependendo do modo de quem flana em direção aos seios de sua Jandira, a Marechal Floriano pode continuar para a esquerda, cruzando-se a Uruguaiana, até a Livraria Elizart, onde, ninguém confirma, mas só pode ter sido, o poeta Drummond um dia escreveu o poema que começa "Buquinemos, amiga, neste sebo". Nesta prateleira você tem Luiz Edmundo andando pelas ruas do Rio; daquela outra nos vigiam os olhos espertos de uma coleção das crônicas de Humberto de Campos; mais adiante dormitam pilhas de revista Manchete com a Leila Diniz na capa.

A Rua Larga depende muito do que se procura. Quem flana pode dar uma parada no número 129, quase esquina da Passos, onde um coração pisca em néon vermelho e um som de disco music vem ao meio-dia do segundo andar. Nada deixa a menor dúvida, mas aos cretinos que ainda perguntam do que se trata, o rapaz na portaria é sincero e confirma veemente que, ora, meu amigo, trata-se de um "puteiro". Bastam R$ 3 para subir até as moças e descobrir o óbvio. Não cabe mais poesia numa hora dessas, não há qualquer Jandira no número 129 da Larga. Os antigos dizem que isso aqui já foi bem melhor. Tinha o cinema Floriano, o Primor e o Avenida, mas agora a rua vive na base das lojas de ferragens, de velas, dos estacionamentos a R$ 8 por hora e lojas de comida a quilo, com as cem gramas

variando entre R$ 1,48, no Papa Tudo, e R$ 2,49, no Sonho Antigo, o mais fino da área e que pega o pessoal da Embratel.

O Rio moderno ficou lá para cima, para depois da Presidente Vargas, e aqui permanece este museu a céu aberto, que ainda sobe pelo Morro da Conceição, ainda come um cabrito no 28 da Barão de São Félix, vê as estrelas no Valongo, recebe os soldados vindos da Guerra dos Canudos e faz como o Marcelo D2, compra um chapéu do tipo "weekender" na casa Esmeraldo. É uma rua que não tira onda. Ninguém é grifado. Se você encostar a orelha na parede da Impecável, no número 129, vai escutar uma voz encabulada dizendo "perdeu, perdeu".

O abandono, o descalabro das autoridades, o deixa pra lá que eles se viram. Para piorar as coisas, tente tomar um outro gole de água gelada no Ao Dragão da Rua Larga e um sujeito vai dizer que o senhor doutor está maluco, pois a loja fechou há muito tempo. O Dragão está morto, mas o rapaz garante que você vive e deve aproveitar. Ele afiança, ao jeito antigo, que é possível se deleitar com as delícias dos novos tempos adentrando o recinto para ser recebido pelas moças das Termas 153, as atuais proprietárias de parte da loja, que no momento, a propósito, está em grande promoção.

Você agradece, atravessa a rua e quase é atropelado por uma van de onde um sujeito grita "Bananal". Na calçada tropeça nas pedrinhas portuguesas soltas e, já dentro do Centro Cultural da Light, olha as fotos de bondes passando por uma cidade que você reconhece mais ou menos, mas está na dúvida porque não há qualquer papel jogado no chão. Foi há muito tempo, quando havia um arco do triunfo na esquina com o que seria a Central do Brasil. Coisa do tempo do onça, do Malta e do bife de fígado acebolado, quando o seu Jóia ainda era vivo, logo ali no bar da Rua da Conceição.

Na Rua Larga de hoje o relógio no prédio da Light está parado faz tempo em 3h15, coberto de poeira e saudade da Anilza Leone. Um garoto aproveita para colocar na mão de quem passa um panfleto amarelo com uma mulher de costas, na famosa pose Caracu, e dele saltam as expressões "abalou", "cerveja gelada", "loiras, morenas, mulatas", conclamações para que se "venha relaxar, só R$ 13". As lojas vizinhas chamam-se "Cruzada profética do pai das luzes" e "Lanchonete safa onça". Muitas jogaram um pano preto sobre o letreiro e escreveram "Passo o ponto".

A Rua Larga se vira como pode. A loja Titanic tem como logotipo um barquinho infantil e procura não naufragar na onda de camelôs que se esparramam pelas calçadas. Vendem isqueiros, cheetos, LPs de Os incríveis. Um alicate Mundial na porta do Colégio Pedro II sai por R$ 4,99. Se o Marechal Floriano saísse agora pela portaria do Palácio do Itamaraty, ele tropeçaria num sujeito vendendo escovas Oral B por R$ 1,99. Compraria uma. O mundo dos poetas começa nos seios de Jandira, mas a Rua Larga da vida real começou meia dúzia de quarteirões atrás numa fritada mista do Paladino.

Tintim, Copacabana!

POR OLGA DE MELLO

Não são suas pegadas que estão marcadas sobre a areia da praia. São as ondas pinceladas pelas pedras portuguesas que tatuam seus pés de forma indelével. Flavio Marinho é protagonista de uma história de amor incondicional em cartaz há mais de 50 anos. O público agradece. Imaginem quantos personagens infernais o escritor já extraiu deste *gran* teatro chamado Copacabana. Um brinde a este bairro que virou um país.

Seu nome é Flavio Marinho. Mas podem chamá-lo de Posto Seis que ele não ficará nem um pouco chateado. Se um dia a "Princesinha do Mar" quiser um príncipe consorte, ele estará de fraque e cartola à beira do altar. O dramaturgo é absolutamente apaixonado por Copacabana, onde mora há mais de cinco décadas. Marinho não troca o bairro por nada. Quando tentou, rasgou-se de arrependimento. Em 1981, como ele mesmo gosta de dizer, tentou viver em Ipanema. Lutou contra a própria natureza por cinco longos e dolorosos anos. Após esse autoflagelo, voltou ao seu hábitat para nunca mais deixá-lo. O teatro brasileiro tem uma dívida com o bairro. É nas ruas de Copacabana, onde conhece todos os barões e mendigos pelo nome e pelo apelido, que Marinho busca inspiração para muitas de suas obras.

A paixão por Copacabana não impede que ele reconheça suas mazelas por meio dos personagens Maria Elvira e Maurício Otávio, o casal que trocou o subúrbio pelo bairro na comédia "Abalou Bangu", um dos maiores sucessos de Flávio. Em 2002, eles falavam da violência e da falta de intimidade com os vizinhos, enquanto aguardavam convidados para festejar seus 40 anos de casamento. A comemoração levou oito anos para subir novamente aos palcos. Em setembro, estreou no Teatro dos Quatro "Abalou Bangu 2 – A Festa", que retoma a história no ponto em que a primeira acabou, com a chegada dos primeiros visitantes.

No intervalo de oito anos entre as duas peças, a história toma outro rumo, não apenas pela substituição de André Valli, que faleceu em 2008, por Paulo Goulart na interpretação de Maurício Otávio. "O Paulo é totalmente diferente de André, que tinha uma longa parceria com a Cristina Pereira, que faz a Maria Elvira. É o mesmo personagem, mas com outro vigor, como se fosse um sopro de paixão naquele casamento", observa Flávio.

Beti Niemeyer

Ao longo do período, outro "personagem" passou por mudanças significativas — o Rio de Janeiro. "Na primeira peça, ainda existia a Fábrica de Tecidos Bangu e Copacabana tinha cinemas. Hoje, no local da fábrica, há shoppings e cinemas. Copacabana, atualmente, tem apenas o Roxy e o Jóia. Isso é ruim, mas, para compensar, vieram as UPPs. Ainda existe assalto, no entanto, houve uma queda na violência. E a cidade inteira passa por uma fase boa, de crescimento, de investimentos. Tudo isso é mencionado na peça, que trata das diferenças, das diversas cidades que dividem a metrópole", diz o autor.

Durante os mais de dois anos em que "Abalou Bangu" foi apresentada em sete diferentes teatros cariocas, Flávio Marinho ouvia pedidos para escrever uma sequência. Criar a "comédia do exílio contemporâneo", como ele define a primeira peça, exigiu uma pesquisa profunda de Flávio, que fez diversas incursões pelo bairro, conversando com moradores, experimentando o famoso bolinho de aipim local, sentindo o "clima de vila" de Bangu.

"Ouvi muitos elogios por ter captado a alma suburbana. Bangu passou incólume pelos anos 60 e 70, pela fase sexo, drogas e rock'n'roll. Até hoje as pessoas mais velhas levam as cadeiras para conversar com os vizinhos, no fim de tarde. Agora, há mais integração nos estilos de vida da cidade, então, meu foco temático migrou. Esta é uma comédia sobre a tolerância. O casal de Bangu convidou 40 pessoas para a festa, mas só duas aparecem, um casal de gays, seus vizinhos no prédio", conta o escritor.

Sérgio Loroza, Giuseppe Oristanio, Marcelo Escorel e Eva Wilma em "Um Dia das Mães"

Trabalhador compulsivo, ele escreve telenovela com Miguel Falabella, é roteirista do programa da TV Globo "Som Brasil, conclui um livro sobre os últimos 40 anos de teatro carioca, acompanha os ensaios de "A Vingança do Espelho" (a biografia da atriz Zezé Macedo, estrelada por Betty Goffman e dirigida por Amir Haddad), apresenta o show "Presença dos Musicais", ao lado do músico Zé Renato e da cantora Soraya Ravenle, enquanto traduz o musical "Priscilla, a Rainha do Deserto". Consegue conciliar tanta atividade ao mesmo tempo por conta da disciplina férrea de filho de militar.

"Sou hiperativo desde criança, só estudava se estivesse ouvindo música. Hoje, acho que estou menos rígido, por conta do computador. Na época em que era crítico de teatro, escrevia para três jornais e para três revistas. Tinha um

Fotos: Beti Niemeyer

O diretor entre os atores Paulo Goulart e Cristina Pereira em "Abalou Bangu 2"

Luciana Braga em "Além do arco-íris"

mapa ao lado de minha máquina de escrever Olivetti. Nunca atrasei um prazo de entrega. Com o computador, o trabalho ficou mais fácil e acabo correndo o risco de me atrapalhar, porque sei que não preciso passar a limpo o texto", comenta.

No meio de seu planejado dia a dia não falta a caminhada em esteira numa clínica "para velhinhos com stents coronarianos", informa. Um problema genético o levou a colocar duas molas no coração. Os exercícios físicos foram incorporados à rotina, embora, a princípio, se entediasse: "Ficar em cima da esteira ou de uma bicicleta é muito chato. Mas acabei me acostumando e gostando, porque realmente faz bem", conta.

Depois de estudar Direito e Comunicação, Flávio foi trabalhar como repórter especializado em cinema e teatro. "Desde criança, era metido a crítico, indicando os melhores filmes para meus pais assistirem", recorda. Por muitos anos, fez crítica teatral até, em 1987, assinar a tradução de "Noviças Rebeldes". Começava aí um longo caso de amor com os palcos, que resultou em 21 peças próprias, 35 traduções/adaptações e mais de 60 direções (de peças e shows). Uma paixão que cresceu paralelamente à sólida carreira como roteirista em televisão. Hoje, prefere escrever, dirigir e produzir seus próprios espetáculos, reconhecendo sua personalidade centralizadora.

"Mesmo quando não dirijo minhas peças, entrego o texto com tantas rubricas, tantos detalhes, que é como se eu estivesse à frente do trabalho. Sou aflito, já telefonei para produtor às 3 da madrugada, fico no pé de todo mundo. É insegurança de quem perde o controle, então, prefiro fazer tudo mesmo. E olha que sempre contei com grandes diretores para minhas peças, pessoas em quem confio plenamente, como o Amir, o Wolf Maya, a Cininha de Paula", diz.

Em teatro, não se furta a ousadias. Acaba de estrear como cenógrafo no show de Selma Reis, em que ela interpreta poemas de Florbela Espanca. E, incentivado por Soraya Ravenle, cantou "Linda morena", no show que fazem juntos.

Para relaxar da agitação de trabalho, gosta de viajar. No fim deste ano, passa Natal e Réveillon na Europa. "Viagem é essencial, mas nunca além de quinze dias. Adoro voltar, sair do

Elenco de "Salve, amizade"

Beti Niemeyer

"Parece que ao carioca basta saber que a praia está lá, à espera. Mas a vida não é só praia. Eu já aplaudi muito pôr do sol no Dois Irmãos, ficava sob o sol das 9h às 19h. Temos de pensar no que fazer além da praia também"

Rebouças e me deparar com a Lagoa, brilhando, o céu azul do Rio", comenta, lamentando que a cidade não aproveite plenamente sua vocação turística.

"Estamos vivendo dentro de um canteiro de obras, há diversas melhorias, porém o carioca continua apático diante de problemas que vêm de muito tempo. Parece que ninguém quer se estressar, exercer a cidadania. E não estou falando só de bueiros explodindo, mas do fim dos cinemas de Copacabana, das poucas salas de teatro, de não termos um circuito de casas noturnas para ouvir música. Parece que ao carioca basta saber que a praia está lá, à espera. Mas a vida não é só praia. Eu já aplaudi muito pôr do sol no Dois Irmãos, ficava sob o sol das 9h às 19h. Temos que pensar no que fazer além da praia também", afirma Flávio Marinho.

nbs

NA CULTURA BRASILEIRA,
O QUE NÃO FALTA
É TALENTO.
NEM O APOIO DA OI.

oi

i é uma das maiores investidoras do país na área cultural. E, através do seu Programa
Patrocínios Culturais Incentivados, apoia projetos nas áreas de teatro, cinema, música,
ça, artes visuais, patrimônio cultural, publicação e documentação, cultura popular,
aços culturais e novas tecnologias. A Oi é a favor da democratização do acesso à cultura
z questão de reconhecer e valorizar os mais diversos talentos brasileiros.
esse oi.com.br e oifuturo.org.br

oi FUTURO 10 ANOS

Onde o traço de Deus encontra o desenho do homem

Por Rogério Daflon

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo. Seja na terra, seja no mar, seja nas linhas de sua arquitetura sem par. Não há em todo o Rio de Janeiro um lugar com tamanha riqueza de traços. Como se não bastasse ter como *pass-partout* uma das mais belas e divinas paisagens do mundo, o bairro reúne uma valiosa pluralidade arquitetônica. O *art déco*, o modernismo e o neoclássico tabelam em perfeita harmonia, tal qual Zico, Adílio e Júnior nas escaldantes tardes de domingo. Meeengo! Meeengo! Meeengo!

Ana Luiza Nobre, professora de Teoria e História da Arquitetura da PUC, considera o bairro um belo exemplo de diversidade arquitetônica. Segundo ela, há obras que são dignas representantes do modernismo, do ecletismo, do *art déco*, entre outros períodos. "Em termos de modernismo, temos dois edifícios muito bonitos: o Guarabira, na Praia do Flamengo, dos irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto, e o Edifício Tapir, na Rua Senador Vergueiro, projeto de Jorge Machado Moreira."

O correr de prédios da orla do Flamengo é um desfile de joias arquitetônicas. O famoso Seabra, exemplo do ecletismo com sua fachada sombria e aura de mistério, chama a atenção de quem passa pelo número 88 da praia. Ele é mais conhecido pelo apelido de "Dakota", em referência ao prédio nova-iorquino onde foi assassinado o beatle John Lennon e também filmado o clássico "O bebê de

O famoso Seabra, exemplo do ecletismo com sua fachada sombria e aura de mistério, chama a atenção de quem passa pelo número 88 da Praia do Flamengo

Rosamary", de Roman Polanski. O edifício, que já foi moradia de famosos, como Danuza Leão e Delfim Netto, teve sua história registrada nas páginas do recém-lançado livro "Edifício Seabra" (Yvelineedition), de Maria Araújo.

Outra obra eclética é o Castelinho do Flamengo, criado pelo italiano Gino Copede. O imóvel, de 1918, foi residência do abastado português Joaquim Silva Castro. Em 1992, transformou-se em centro cultural, dotado de salas para cursos, oficinas e galerias. Assim como grande parte das belas construções da orla do Flamengo, foi tombado pelo patrimônio histórico da cidade.

Em matéria de art déco, o edifício Biarritz brilha intensamente nessa passarela. Localizado no número 268, ele foi projetado pelo arquiteto

O Biarritz, localizado no número 268 da Praia do Flamengo, foi projetado pelo arquiteto francês Henri Paul Pierre Sajous, em parceria com seu colega e compatriota Auguste Rendu

EDIFICIO
BIARRITZ

Lgo. Machado
Laranjeiras
C. A. C. Julieta
de Serpa

francês Henri Paul Pierre Sajous, em parceria com seu colega e compatriota Auguste Rendu. Sajous, por sinal, deu mais dois presentes ao bairro: o Tabor Loreto, na esquina da Rua Paissandu, número 244, com a praia, e a Igreja da Santíssima Trindade, na Senador Vergueiro 141.

Admirador do Biarritz e do Tabor Loreto, o arquiteto Clóvis Silvestre de Barros percebe o cuidado de construção como marca das duas obras. "O Biarritz é um edifício paginado, nasce com a mesma unidade até a cobertura. É elegante com seus balcões em curva. Não há similar na cidade. Apesar de mais discreto, o Tabor Loreto tem uma curva magnífica". A beleza e o desenho do Tabor Loreto serviram de inspiração para o diretor Bruno Barreto no filme "Bossa Nova", de 2000. A fachada do prédio serviu de locação para o longa que homenageia o Rio.

De estilo neoclássico francês, característico da segunda metade do século XVIII, a Casa Julieta de Serpa, também na Praia do Flamengo, acrescenta mais charme ao bairro. O Flamengo ainda foi agraciado por alguns cantos bem aconchegantes. É o caso da Praça Cuauhtémoque, aquela bem na convergência entre as avenidas Osvaldo Cruz e Rui Barbosa. Tem em seu centro uma estátua com estilo *art déco* do último imperador asteca, que deu nome ao local.

Presidente do Instituto Art Déco Brasil, o colecionador e pesquisador Marcio Roiter afirma que o Flamengo rivaliza com outros bairros do Rio, como o Lido, Copacabana e o Centro, em relação à quantidade de prédios *art déco*. "Os prédios do Flamengo têm uma certa nobreza. Era um bairro de prestígio da cidade, mais do que a própria Copacabana." Roiter, que acaba de lançar o livro "Rio de Janeiro Art Déco" (Casa da Palavra), cita outras maravilhas do lugar: o palacete São João Del Rey, na Rua Correia Dutra; o palacete Valença, na Rua Machado de Assis; além da fachada do Hotel Paissandu, situado na rua de mesmo nome; e o edifício São João, na Rua Senador Eusébio.

Como se não bastasse, o Flamengo deu maior relevância à Natureza da cidade quando se criou ao longo dos anos 1950 e 1960 o Parque do Flamengo, projeto arquitetônico de Affonso Eduardo Reidy com paisagismo de Burle Marx. O bairro ainda é generoso. Nos fins de semana, o trânsito do Aterro é fechado e o espaço recebe pessoas dos mais diversos lugares da cidade. Para aqueles que gostam de uma boa caminhada, a dica é esticar o passeio pelas ruas internas do bairro, praticamente um "museu a céu aberto".

A quantidade de prédios do Flamengo, contudo, gerou algo questionável. Hoje, o carioca praticamente não consegue ver o Morro da Viúva, de tão cercado que é pelos belos edifícios ao seu redor.

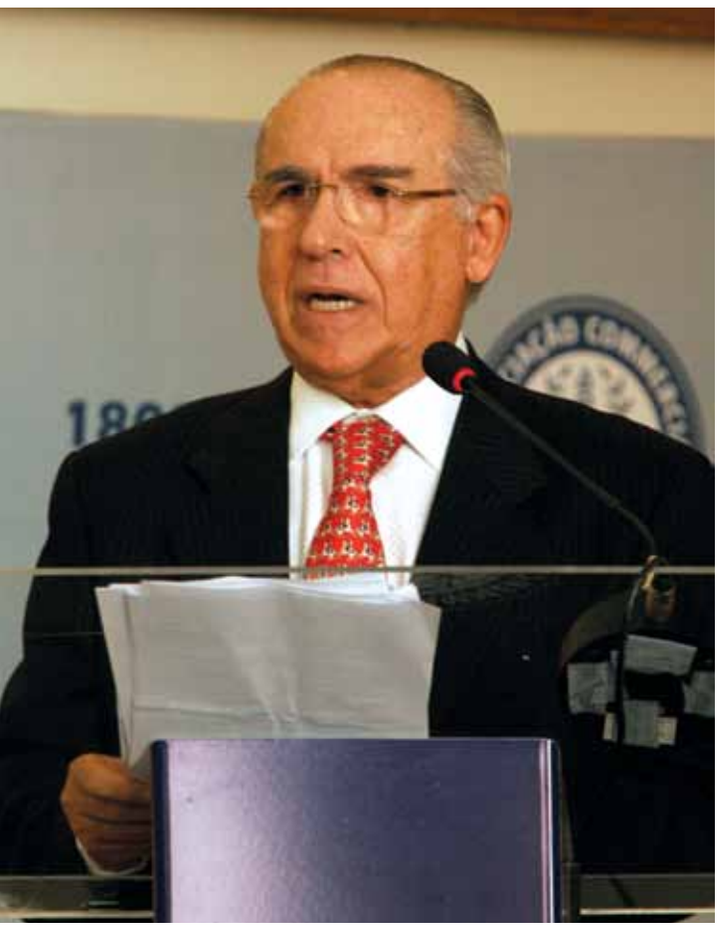
O bairro, inclusive, precisa tomar cuidado em relação à circulação de ar. Sorte que o Flamengo não tem tanto mais espaço para mais edificações. Para arejá-lo, o lugar é dono de uma recente e simpática estatística. De acordo com o último censo do IBGE, o Flamengo é o bairro com maior número de mulheres em termos percentuais. São 28.886 mulheres e 21.157 homens.

"Os prédios do Flamengo têm uma certa nobreza. Era um bairro de prestígio da cidade, mais do que a própria Copacabana"

Marcio Roiter, colecionador e pesquisador

O Rio é a minha fortaleza

Antenor de Barros Leal
Empresário e presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro



Sou "cearoca". Nasci no Ceará e de lá saí em 1970, aos 28 anos, como diretor financeiro de uma empresa para fazer alguns contatos no Rio. A cidade me fisgou e logo me apaixonei por ela. E não podia ser diferente. Imagine que eu, nascido num estado do Nordeste, fui muito bem recebido aqui. Não foi um privilégio meu. Essa é uma característica do carioca, um povo aberto, que acolhe a todos, qualquer que se seja a sua origem, raça ou religião. No Rio, eu adoro a praia, o sol, o samba, as pessoas amigas e o futebol. Costumo dizer que sou um vencedor, porque sou vascaíno.

Tive várias experiências positivas na cidade, além da família, sendo que uma delas me deu especial alegria. Foi quando presidi o Centro de Integração de Empresa Escola (CIEE-RJ) e pude participar no processo de inserção de vários jovens no mercado de trabalho. É bem verdade que nesses anos o Rio teve uma perda social e econômica muito grande, mas percebo que está gradativamente se recuperando, até porque a questão da segurança vem sendo resolvida e temos novos negócios em vista, como os ligados à área do petróleo.

Há 40 anos, Nova York vivia uma situação de violência urbana e decadência e se recuperou. Isso também pode se aplicar ao Rio. É um processo que exige planejamento e entendimento. Para ajudar nesse processo, tenho como meta, à frente da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), a recuperação da cidadania. Isso poderá perfeitamente ser feito por meio do incentivo ao pequeno empresário em zonas que antes eram ocupadas por bandidos. É dar a chance, por exemplo, para que uma pessoa possa montar a sua birosca ou outro negócio.

Dessa maneira, a cidade voltará a crescer, com a multiplicidade de negócios. E consequentemente com mais empregos teremos mais qualidade de vida. Nesses mais de 40 anos vivendo na cidade que tanto me deu e onde ocupei vários cargos na indústria de alimentação — hoje presido o Sindicato do Trigo — creio que posso levar à frente a defesa do Rio de Janeiro, reforçando o aspecto da Casa de Mauá como melhor local para negócios na cidade.

www.vale.com

A Vale está fazendo hoje a mineração do futuro.

Descobridores

Como crescer respeitando as pessoas e o meio ambiente? Como evoluir e inovar sempre? São perguntas assim que nos fazemos todos os dias. A Vale é uma mineradora global, presente em mais de 30 países. Para nós, as pessoas são a nossa maior riqueza. Cuidar delas todos os dias, em tudo que fazemos, é um dos nossos valores fundamentais. É por isso que investimos em governança corporativa, em práticas de sustentabilidade e novas tecnologias. Porque temos um compromisso com você, com o planeta e com o futuro.

VALE

NEOGAMA/BBH

O BANCO PODE ME AJUDAR A COMPRAR A CASA PRÓPRIA?

NO BRADESCO VOCÊ TEM CRÉDITO IMOBILIÁRIO DE ATÉ 80% DO VALOR DO IMÓVEL E ATÉ 30 ANOS PARA PAGAR.

Bradesco. O Banco que tem soluções para estar lado a lado com você.

Baixe um leitor de QR Code em seu celular, aproxime o telefone do código ao lado e tenha o Bradesco lado a lado com você.

bradesco.com.br

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Crédito sujeito à aprovação.

Bradesco